



O Gaiato



PORTE PAGO

Quinzenário * 13 de Dezembro de 1980 * Ano XXXVII — N.º 959 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NATAL

Os homens costumam contar seus anos a partir do seu dia natalício. Bom era que os contassem pelo Natal de Jesus e que esse critério de medida fosse estímulo a uma meditação sobre o tempo — o «tempo que Deus dá de graça», como diz o Povo; o tempo que, a cada um, o Senhor enche das Suas graças.

Diz-nos S. Lucas no último versículo do capítulo segundo do seu Evangelho que «Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens». Fala do Menino de Quem Sua Mãe, a primeira surpreendida, «guardava tudo no Seu coração». Um Menino que Se sujeitou a crescer como os outros meninos, embora eternamente seja a Plenitude da Sabedoria e da Graça.

Bem seria para os homens que o Natal propusesse a cada homem esta íntima e essencial interrogação: — Cresci, desde há um ano? Ou vem este Natal encontrar-me na mesma estatura de alma?... o que é já uma certa forma de retrocesso!

É que nenhum homem pode dizer alguma vez que com-

pletou a sua capacidade de Sabedoria e de Graça. Só na hora derradeira, quando o Senhor, sim, estabeleceu para cada um o termo do tempo; e só para aqueles que aproveitaram em cheio o tempo que Deus dá de graça e todas as Graças com que Ele o enche. Estes são os «servos bons e fiéis, que o Senhor, ao chegar, encontra vigilantes». Felizes porque serão introduzidos imediatamente na contemplação do Pai.

Quantos, porém, nessa hora — por isso mesmo terrível — estarão de mãos vazias, quando já não há mais tempo para recuperar e as encher de Bem. Sim, porque não basta que elas estejam também vazias de grandes males. O Homem, imagem de Deus que é o Acto Puro, o Amor, não foi criado para a passividade, mas para a acção e esta da espécie da Justiça e do Amor, portadora da Verdade e da Paz, tal como o acto divino. Deus conhece-nos e aceita-nos com as manchas da nossa fraqueza se procurarmos apagá-las com o Bem que diligenciámos ao longo do tempo que nos deu, ainda que esse Bem fique escondido dos

homens e só Ele o veja; mesmo que se passe no secreto das almas, a luta inerente à vida, conscientemente aceite e deliberadamente afrontada, de modo a justificar que esse diga com o Apóstolo: «Combati o bom combate; terminei a minha carreira; guardei a Fé. Resta-me receber o coroa da Justiça que o Senhor, Justo Juiz, me dará naquele dia; e não só a mim, mas também àqueles que amam a Sua vinda».

As mãos vazias, mesmo que também de grandes males, corresponde aquele estado de morneza («Não és quente nem és frio») que provoca o vômito de Deus. Ajudam-nos a compreender aquela escandalosa afirmação de Jesus aos fariseus de todos os tempos, que presumem da sua justiça: «Em verdade vos digo: Os publicanos e as meretrizes preceder-vos-ão no Reino de Deus». Porque «quem não crê e não usa de misericórdia, será julgado sem misericórdia».

«Dos fracos (egoístas, preguiçosos, comodistas...) não reza a história» nem a História da Salvação. Reza, sim, dos pecadores que querem ser santos e crêem que «a vinda do Senhor na humildade da natureza humana, a realizar o eterno desígnio do amor do

Continua na 4.ª página

AQUI, LISBOA!

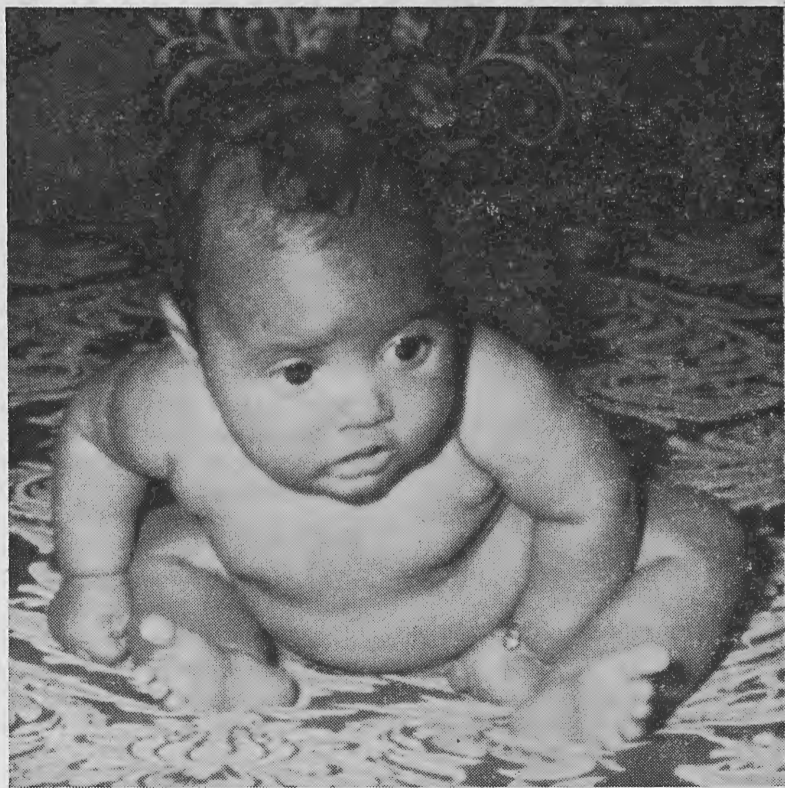
● Na Assembleia Dominical deste 1.º Domingo do Advento convidámos todos os presentes a comprometer e a afeirar as suas vidas com e em relação a Cristo, em todas as circunstâncias e em todos os momentos, nomeadamente quando nos despistamos ou as próprias misérias se manifestam. É que, como disse João Paulo II na «Redemptor Hominis», «a revelação do Amor e da Misericórdia tem na História do Homem uma forma e um nome: chama-se Jesus Cristo».

Vem aí o Natal, tantas vezes desfigurado no seu significado e na sua importância. Importa, pois, que cada cristão se vá preparando interiormente para o comemorar devidamente, em verdade e em coerência, na família e fora dela, revestindo-se, como nos impera S. Paulo, do Senhor Jesus Cristo; pondo de parte as obras das trevas e passando a usar as armas da Luz. Só assim, preparados e vigilantes, estaremos aptos para encarar devidamente a hora incerta mas decisiva em que virá o Filho do Homem.

● Preparávamo-nos para escrever para O GAIATO. Pela porta entreaberta do escritório duas crianças espreitam, logo seguidas de um adulto. Este, topando connosco, avança e logo acrescenta: «Conheço este sr. Padre». A família e outros acompanhantes avançam. Caídos nos braços em amplexo apertado, o silêncio domina. Já há perto de 20 anos que não víamos o João Manuel, mais conhecido pelo «Benfica». Está na Alemanha há 8 anos e veio passar a época natalícia à terra de origem. Casou e tem três filhos, que beijamos com emoção. A despedida abraçamo-nos de novo com os olhos marejados de lágrimas, quase sem palavras. Discretamente, sobre a nossa secretária, o agora visitante deixa algo das suas economias.

A nossa experiência do dia-a-dia reveste-se, não raro, de factos ricos de conteúdo. Somos suficientemente pobres para ficarmos aquém dos comentários que eles nos poderiam sugerir ou sugerem. Algumas vezes devemos e que-

Continua na 3.ª página



Dina Tércia — filha do António José, o «Luso», de Benguela — presença natalícia da Família da Obra da Rua espalhada pelo mundo inteiro.

TRIBUNA DE COIMBRA

Nestes últimos dias procurei encontros de diálogo com alguns dos nossos. São sempre horas de sabor sobrenatural. Cada um é um mistério. Muitos que parecem lixo são tesouros maravilhosos.

Penso que este método de diálogo íntimo com cada um é caminho certo de encontro. Um deles disse-me que ainda é preguiçoso, só anda na 2.ª classe e faz chi-chi na cama. Outro disse que só faz às vezes, mas que é muito «burão», pois a jogar à bola, quando não lha passam, marca golos na própria baliza. Outro disse que se não vende mais jornais é por não saber bem os fregueses e porque há muitos senhores que não compram. Outro disse que gosta muito de rebuçados e que eu gosto mais de fruta assada. Outro disse que o «Cherife» não pode con-

mer bolachas e manteiga que a mãe lhe manda porque lhe doem os dentes. Outro disse que agora já não diz asneiras muito grandes, mas o «Cartaxo» é que ainda diz.

Alguns, que já são homenzinhos, disseram-me que estão a melhorar e já são capazes de fazer certos trabalhos nas oficinas. O Zézito já fez um portão quase sózinho e ficou bem. O «Lacinho» já cozeu o pão só, mais o «Canudo», e não chamou o Tonito. Outro, quando acaba o trabalho, já vai pedir outro trabalho ao chefe da oficina. Vi neles a convicção de progresso... e eu a parecer-me que não! Um cozinheiro diz que sabe fazer o comer e que só às vezes tira da despensa bocaditos de pão com doce e fruta.

Dois irmãos contaram o drama da sua família. A mãe be-

be muitos copos de vinho e, depois, fica muitos dias na cama. O pai também bebe e dava-lhes muita pancada. Eles, com muita tristeza, não gostam do pai, nem têm saudades. Gostam muito de cá estar.

E eu tenho obrigação de dar graças pelas maravilhas que Deus faz, pois só Ele faz maravilhas.

x x x

Alguns fomos despedir-nos de D. Maria Adelaide que o Senhor chamou. Era do grupo das Senhoras de Miranda do Corvo que todas as semanas vêm ajudar a cuidar da nossa roupa. Com 87 anos eram umas mãos maravilhosas. Já recebeu o prémio das suas boas obras. Deus a tenha em Paz.

Padre Horácio

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Vem aí o Natal. Se quem pode, mesmo encarando a data só como feriado, não deixa de a festejar, nós reforçamos a presença junto dos Pobres, com uma consóada mais abônada — por força da Mensagem de Nazaré.

Temos casos onde precisa ser mais substancial: Viúvas com filhos à sua roda, que aguardam pesorosamente os seus direitos, quais cidadãs de segunda numa Pátria que se diz cristã!

Não vamos à loja, à feira; mas os Pobres, belsa nutrida pelos nossos leitores. Eles vão pelo seu pé aonde entenderem, comprar o que acharem por bem.

A lembrança do Menino Deus — Libertador dos Pobres, Mensageiro da Boa Nova aos homens de boa vontade — será plena de calor espiritual; que o Natal é dos Pobres, muitos dos quais, ainda hoje!, nascem, vivem e morrem em crucificação idêntica à do Senhor Jesus.

● Em leitura rápida topámos, algures, que as mães de crianças adoptadas iriam beneficiar de um abono suplementar, cuja atribuição estaria sendo regulamentada.

Era notícia discreta, sem o relevo que merece!

Nós conhecemos cireneias — mulheres simples, pobres e/ou iletradas — que não sendo mães carnavais dão ao País homens úteis à sociedade. Pois este benefício será grande alívio para a sua cruz, aceite livremente; um acto de justiça cristã, de promoção social.

● Aquele Pobre insatisfeito com o valor da pensão de reforma, cuja revisão de processo requereu oportunamente, teve resposta quase na volta do correio!

Como não estamos acostumados a progressos desta ordem — o caso das Viúvas é sintomático — folgamos com a rapidez, que sublinhamos, para estímulo de maior eficiência no sector.

Esclarece o officio: «Não podemos fazer qualquer revisão ao cálculo da pensão, uma vez que o mesmo está correcto; entraram salários desde Setembro/47 até Maio/79 (data do requerimento).»

O Pobre aceita a decisão. Como nós outros, porém, não deixa de lamentar que, ao fim de 30 anos de vida dura e difícil, tenha de subsistir com cerca de metade do salário mínimo nacional!

Não fossem os filhos..., como seria? Mais um à nossa conta — como na década de 50...!

PARTILHA — Anónima, de Fiães, 500\$00 e um desabafo: «Sei que as necessidades são muitas e o donativo é pequeno; mas, no meu entender, mais vale pouco do que nada.»

Visitante muito assídua deixa em nossas mãos 250\$00 e muito interesse na promoção social dos nossos Pobres.

Assinante 9790 com cheque de 500\$00 perorando «uma oração ao Céu para que Deus esqueça todas as nossas recusas à Sua Graça e nos dê aquela Força na Humildade capaz de tudo vencer para vivermos com Alegria a Sua Vontade».

Casconha, 500\$00. Santarém marca presença com 200\$00. «Uma portuense qualquer» muito perseverante: «Junto a migalha relativa ao mês de Outubro para a Conferência Vicentina. Como se aproxima mais um dia de Fiéis Defuntos, resolvi enviar 250\$00 «extras» por alma de meus Pais, em substituição de flores caras que poderia colocar nas suas sepulturas para, deste modo, beneficiar Irmãos que ainda peregrinam na terra cheios de carências».

Idalina, de Lisboa, lembra os Pobres motivada pelo livro DOUTRI-NA, de Pai Américo. Ainda da capital, duas remessas da Rua da Lapa; e outra da Rua D. Estefania: «Deus tem-me ajudado. Sobretudo, dando-me vontade de ajudar os que mais necessitam».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

NATAL — Quando este número estiver nas mãos dos nossos Amigos leitores, faltam somente 12 dias para o Natal.

Natal é uma festa em que todos se devem unir. É o festejo do nascimento de Alguém que veio ao Mundo para nos salvar. É o nascimento do Senhor. E nesse dia, pelo menos, todos temos que ajudar os mais necessitados, os que nada têm para comemorar essa data festiva. Ajudar os Pobres, as Crianças, que são a coisa mais bela que o mundo tem — compartilhando com eles a coiza natalícia.



Victor e João Seca

Veio-me, agora, a lembrança de um telefonema de uma família que se lembrou de nós. Pedia se, no Natal, poderiam ir alguns pequenos passar o dia com essa família. É um sinal que talvez seja pouco vulgar neste mundo. Querer ajudar, querer ter alguém mais junto da sua mesa, para com eles compartilhar tudo aquilo que tenham, nem que seja, talvez, um naco de bolo.

Era bom que no mundo houvesse muitas famílias como esta!

Bom Natal aos nossos leitores amigos.

FRIO — Chegou o frio. E, com ele, aparece o Inverno. Os campos, de manhã, cobertos de geada. Não apetece sair da cama!

É uma estação muito fria, o Inverno.

Aqui, os mais pequenos, que fazem a limpeza nas ruas da nossa Casa, sentam o frio nas mãos e até lhes custa pegar nas vassouritas de giesta para continuarem as suas varridelas. Se os dias desta estação fossem como os de Verão..., era um regalo!

DESPORTO — Os nossos leitores já terão pensado que nas crónicas anteriores estou sempre a tocar no desporto. Pois, como cá em Casa o desporto é rei, mais propriamente o futebol..., nada há a perder. Aqui, em nossa Casa, todos gostamos de desporto. As quartas-feiras, temos uma sessão de ginástica em que somos obrigados a participar plenamente. Aos sábados, ou nos feriados, quando o treinador da nossa equipa nos contacta, dizendo que há treino, claro, alguns vão; outros ficam até mais tarde na cama — com este frio que está...!

O desporto é um bem para a saúde de cada ser humano. Fazer desporto é desenvolver a mentalidade e o físico, um espírito de equipa dentro de nós mesmos. Nós fazemos desporto para evoluirmos cada vez mais e tornarmos-nos uns grandes desportistas — para que saibamos perder e vencer.

OFFSET — Adquirimos mais uma nova máquina offset. Com esta já podemos oferecer melhor futuro profissional aos nossos rapazes e aos nossos clientes, maiores vantagens. Com esta máquina podemos tirar etiquetas, trabalhos em série, etc. Uma infinidade de trabalhos que estão ao nosso alcance! Temos offset e fotocomposição; como tal, necessitamos de trabalhos em grandes séries, para as nossas máquinas. Aguardamos as vossas encomendas.

ESCOLAS — Cabe-me dar uma palavrinha sobre as Escolas.

Escola, fonte de sabedoria, a que todos temos acesso. Mas, infelizmente, há muitas pessoas analfabetas! Não sabem ler nem escrever. A Escola é um lugar a que toda a humanidade tem direito. Neste País há mais analfabetos do que pessoas cultas.

Eu teria muito mais a dizer sobre este assunto, mas acho que se não houvesse Escolas ou meios de instrução muitos de nós seríamos analfabetos.

«Salsichas»

O NATAL visto pelos Gaiatos

■ O Natal é uma alegria para mim e para os meus irmãos.

«No Natal não há guerras nem ódios num coração de menino. Não há vidas despedaçadas numa noite de Natal!»

«Eu gosto imenso da Festa do nascimento de Jesus e gostaria que Ele fizesse com que todas as mães pudessem dar uma prenda a cada um dos seus filhos.»

Silva

■ O Natal é celebrado no dia 25 de Dezembro. E porque é muito importante? Foi nesse dia que nasceu o Menino Jesus.

Todas as crianças esperam a Festa e, quando vem, os pais colocam prendas nos sapatinhos dos seus filhos.

Nesse dia comemos chocolates, rebuçados, bolos. E brincamos com os brinquedos.

O Natal é uma festa bonita para os adultos e muito desejada pelas crianças.

Alfredó Luís

■ Para mim, o Natal é bom. Fazemos o presépio e temos presentes e brincamos muito com eles. Celebramos o nascimento de Jesus.

São feitas muitas festas, para alegrar as crianças e os adultos.

Quando o Natal se aproxima, vamos ao musgo e aos pinheiros para fazermos o presépio.

Eu só queria que os Pobres, todas as mães do mundo, pudessem oferecer uma prenda aos filhos. Há tanta gente que não tem nada!

Carlos Santos

■ Quando chega o Natal as pessoas fazem presépios.

Para mim é uma festa muito grande e para os outros também deve ser.

«Eu gostaria que o Menino Jesus me desse um presente.»

«Na véspera de Natal, os pais fazem as prendas para os filhos. Aquelles que têm pais!»

Nós comemos muitas coisas, em nossa Casa do Gaiato: bacalhau com batatas e tronchuda; creme, aletria e mais coisas boas. Depois, vamos para o salão de festas e, às 11 horas da noite, para a Missa do Galo, na Capela. No fim, recebemos as prendas com muita alegria, com muito carinho.

José Pinheiro

■ O Natal é a Festa do Menino Jesus, que nasceu num berço de palhinhas, em Belém.

Cá em Casa comemos batatas com bacalhau, rabanadas, arroz doce, pinhões e aletria.

A meia-noite é a Missa do Galo e, depois, tomamos o cacau que quisermos.

Eu gostaria muito, muito, que se lembrassem de todas as crianças que passam fome, que vivem mal; e todas as mães pudessem oferecer uma lembrança aos filhos.

Depois do Natal é o Ano Novo e, nesse dia, come-se o «farrapo velho».

Os presépios enfeitam as casas com fios brilhantes e sinos de papel. Mas eu gosto do Natal porque a gente celebra o nascimento do Menino Jesus.

José Nogueira

Novos Assinantes de «O Gaiato»

O nosso Padre Carlos anda empenhado numa grande campanha de novos assinantes de O GAIATO em comunidades cristãs do norte do País, juntando o anúncio da Palavra à leitura do nosso jornal. E tem colhido uma precissão de novos leitores! Só na zona de Gondomar, por exemplo, foram 293, mais 109, mais 72, isto é, 474 em três comunidades!

Na sequência destas acções, um por outro sai para a rua d'alma ardente em cata de mais, como este leitor de Gandra:

«No rasto da passagem do Padre Carlos pela nossa Paróquia, na sua campanha de novos assinantes de O GAIATO, venho trazer-lhes mais um que farão o favor de tomar nota.»

Maria, de Silves:

«Falando sobre O GAIATO a umas amigas, estas pedem vos diga que também querem recebê-lo. Por isso, cá estou a fazê-lo...»

Presença d'algures deseja «ser assinante de O GAIATO que hoje li e sinto-me feliz por esta leitura».

Barreiro:

«No meu estabelecimento recebo o vosso jornal em nome de um senhor que já há muito tempo não trabalha aqui. Por isso, em vez de O GAIA-



AQUI, LISBOA!

Continuação da 1.ª página

remos calá-los pela discreção que exigem ou aconselham. Não há dúvida nenhuma, porém, que apalpamos situações ou acontecimentos que estão muito para além daquilo que merecemos e de que somos testemunhas indignas. Sentindo, todavia, que nos vamos aproximando vertiginosamente da hora do ajuste de contas, fica-nos o remorso por aquilo que não fizemos e devíamos fazer e pelas coisas indevidas ou mal feitas que realizamos. Uma certeza consoladora, no

entanto, nos invade: os sacrifícios e as incompreensões valeram a pena ser suportadas, porque geradores de libertação e de felicidade para aqueles por quem nos entregámos e para nós próprios.

● «Sou um rapaz como vós, só que tenho pai e mãe, dos quais recebo carinhos e tudo o que preciso. Só, talvez, não tenha o que vocês terão: saúde. Por isso vos peço que, nas vossas orações ao Pai Américo, se lembrem de mim. Muito grato vos fica X».

São palavras de um pequeno

cartão de visita, de um jovem à volta de 20 anos, a acompanhar um donativo de 5 contos. Comentários só viriam macular o transcrito. Por isso os deixamos à consideração dos Leitores.

● Um grupo de empregados do Restaurante «A Horta», de Loures, homens simples e sem pretensões, propuseram-se levar a efeito no salão polivalente dos nossos amigos Bombeiros Voluntários uma festa em benefício desta Casa. A iniciativa e todo o processo lhes pertenceu, sem a mais pequena interferência nossa, como é timbre e norma da Casa do Gaiato. Contactados variados Artistas, aliás de excepcional categoria, o espectáculo foi um êxito e teve para cima de mil assistentes. Aqui fica o mais sentido bem haja para todos.

● Nós não somos agricultores, mas nas nossas Casas fazemos agricultura, aproveitando os terrenos onde nos encontramos instalados. Da terra, na linha de Pai Américo, procuramos tirar o sustento possível, já que a tendência é a de nos auto-abastecermos. Um ou outro produto que vendemos serve para compensar as enormes despesas havidas com a exploração da terra.

Pelas razões apontadas, mais que pelos cursos tirados ao longo da vida, aliás sempre úteis e fornecedores de elementos de apreciação, sentimos quão desprotegida é a Lavoura do País em que vivemos. Se não vejamos, por exemplo, o que sucede com a pecuária. O lavrador corre os riscos e os trabalhos e as despesas são suas constantes preocupações. Na falta de organizações de agricultores ou de organismos oficiais adequados, o sector de comercialização do gado acaba, muitas vezes, por se aproveitar e de chamar a si os maiores lucros, quando a especulação não está mesmo presente. Porque não criar organismos adequados ou aproveitar os já existentes, imprimindo-lhes um método e uma dinâmica susceptíveis de salvaguardar os interesses dos agricultores, garantindo-lhes preços e condições razoáveis e abolindo os parasitas intervenientes no processo? Só assim será possível uma agricultura próspera e rentável.

● Uma palavra de apreço e de muita estima pelos grupos de Amigos que dão o me-

REFLECTINDO

Como as páginas de um livro, se desfolham as páginas da vida. Sucedem-se os anos, e dentro deles as estações. Depois da alegria do Verão, que nos dá uma sensação de grande espaço, de ar livre, vem o Outono que traz a vida mais para dentro de casa, que de certa maneira aproxima mais as pessoas.

Aqui em Casa tem um sabor especial este período do ano. No fim do Verão prepara-se a nova arrumação das tarefas dos rapazes, tarefas que na sua maior parte são assumidas por um ano. Então se pensa quem irá fazer a limpeza desta ou daquela casa, quem ajudará na roupa e lavandaria, quem cuidará das vacas e das galinhas, quem serão os cicrones que acompanharão aqueles que nos visitam, etc., etc. No princípio do Outono, em dia anteriormente marcado, fazem-se as «mudas» de trabalhos... e a vida recomeça.

Nestas tarefas de um ano,

alguns rapazes deixam, às vezes, o seu nome marcado. Assim se diz por aqui:

— Para a limpeza nunca cá houve como «Fulano».

— Para fazer caldo verde o melhor era o «Cicrano».

...E como na vida, tanto o nosso rasto fica marcado pelo bem como pelo mal que fazemos, também se ouve dizer:

— O que aqui passámos quando aquele esteve na cozinha...! Só comfamos «massa caiada».

— No tempo em que aquele outro esteve encarregado à copa foi aqui semelhante confusão...!

A educação pelo trabalho, nas Casas do Gaiato, mostra, a cada um, o significado da sua acção na construção do bem comum. O que se pede é um trabalho necessário e útil. Uma responsabilidade definida, de tal forma que se ao fim do dia o trabalho não foi realizado, os efeitos estarão à vista.

Dentro deste esquema, é com satisfação que verificamos que os nossos rapazes chegam frequentemente a adultos com uma rotação pelas várias actividades, de tal forma, que para além da sua formação específica, dentro da profissão por eles escolhida, são capazes de desempenhar bem outros trabalhos. O que equivale a uma preparação global que lhes pode ser muito útil.

Temos, no futuro, os resultados da educação que impera em quase todas as famílias, em que as crianças demasiado protegidas se habituam a uma vida sem quaisquer obrigações, sistema que se prolonga pela adolescência e que corre o risco de impedir que se desenvolvam capacidades, hoje mais do que nunca necessárias à luta da vida, dentro da evolução que se desenvolve na sociedade.

Ao olhar com satisfação para alguns aspectos positivos do nosso viver, não esqueço as nossas próprias limitações, nem o peso dos nossos fracassos que surgem, aliás, seja qual for o sistema usado na educação. Mas aqui, como em qualquer outro lugar, importa não olhar apenas para o lado negro das coisas, mas procurarmos os valores que poderão tornar o negro, menos negro.

Padre Abel

Lar Operário em Lamego

Aqui... Samodães

Passou a quinquena e, talvez por deficiência dos Correios, de quem não queremos dizer mal, mas arranjar desculpas para os leitores, não veio a resposta para a máquina de costura! Ela é muito precisa. Nem eu, nem tu, teremos coragem para fazer emperrar uma Obra de cultura popular e de bem-fazer, por causa da máquina. Então quê? Saber esperar outra quinquena. Não digo esperar indefinidamente porque seria inactividade, seria «o não te rales», o deixar correr, o «tranquilizante» porque Deus assim o quer...

A nosso favor está o Natal que se aproxima. Vão chegar muitas prendas. Eu escolho a máquina de costura. Espero que o Natal não seja uma

linda fábula que consola ou que põe as criancinhas a dormir quietinhas.

Será o Natal uma boa invenção? É verdade que depois do Nascimento se transformaram os costumes da terra. Não parece também ao leitor que os homens podem pertencer a qualquer crença, mas basta ser homem e habitar em qualquer país do mundo para se sentir comprometido no Natal?

Olhamos à volta e damos conta que as ruas ficam em silêncio, é dia de Paz; as ruas se enfeitam, é dia de festa; os corações se abrem, é dia de Amor. Deixa abrir o teu coração. Não digas só: — «É verdade — não faltará quem ajude — é uma boa obra — também temos cá as nossas necessidades». És inteligente e bem sabes que isto nada resolve.

Os 42 mil leitores do «Famoso» poderiam solucionar muitos casos sem alterar o seu programa de vida. Parece que em aposta são sempre os mesmos a sentir a chamada do Espírito à vida, deixando abrir com força o seu coração, reanimando sentimentos e esperanças, onde os irmãos famintos, nus, sem abrigo, desempregados, encontram a toda a hora um lugar certo.

Aproxima-se o Natal. Que uma luz de amor brilhe continuamente em cada homem e quem por ela passar sinta vontade de parar, expor e siga depois mais tranquilamente o seu caminho. Não gozes o Natal sózinho! Vê se no findar de 1980 és mais e melhor um elo que prende, uma luz que ilumina e aquece, uma palavra que consola, uma mão que acaricia e enxuga lágrimas a quem sofre e que na verdade anda à procura de passar o Natal contigo.

Padre Duarte

TO vir em nome dele, passem a mandá-lo em meu nome...

Assinante da Nazaré manda cheque e oportuno esclarecimento:

«Este envio é feito com o propósito de não onerar O GAIATO com a despesa da cobrança, que julgo mais bem aplicada na Obra da Rua do que nos CTT.»

Aqui tem nossas mãos ambas!

O resto da precissão: Porto, Lisboa, Aveiro, Coimbra e Setúbal um data deles; mais Feira do Cô, S. Pedro do Sul, Linda-a-Velha, Aldeia Galega, Porto de Mós, Carvalhos, Paredes, Oeiras, Monte Estoril, Cucujães, Alenquer, Loures, Alcochete, Santo António dos Cavaleiros, Mem Martins, Paço de Arcos, Torres Vedras, Cacém e Luanda (Angola).

Júlio Mendes



Casamento do Vitor Chaveiro — que foi chefe-maioral da Casa do Gaiato do Tojal — com Maria da Assunção.

O terceiro volume do livro «DOUTRINA»

O livro *DOUTRINA*, de Pai Américo, continua a dar que falar. São pedidos de todos os lados! Agora, até por via do Natal. Muitos leitores, em vez de prendas cheias de arrebitos, oferecem a seus amigos livros de Pai Américo, dos quais irradia a Mensagem de Jesus de Nazaré, sem trapos que lhe escondam a face, nem rendas de sacristia; transfigurado na legião de Pobres por quem Ele veio exactamente anunciar a Boa Nova aos homens de boa vontade.

Felizes aqueles que se dispõem a dar aos Outros, como prenda de Natal, a verdadeira imagem natalícia esculpida no *DOUTRINA*. E quem diz no *DOUTRINA* diz em todas as obras de Pai Américo.

As ressonâncias do livro, que o correio nos traz diariamente, são labaredas que iremos publicando, na medida do possível, para aquecermos nossas almas e, assim tonificados, poderemos caminhar e abrir caminho a muitos mais.

Hoje, damos a palavra a um

ilustre Professor do Ensino Secundário, em Lisboa, que nunca deixa de marcar presença, com sua opinião, no lançamento de qualquer obra da nossa Editorial. Aqui está:

«Recebi o 3.º volume do livro *DOUTRINA*. Desta vez, porque as férias já se foram, não foi lido de golpe e sôfregamente, mas aos bocados. Acabei hoje mesmo a leitura e hoje mesmo me desobrigo.

(...) Encurtando razões, aqui ficam algumas das impressões com que esta leitura me marcou.

Pois do que escreve Padre Américo já muito e muito se disse, mas muito e muito mais há que dizer! Só reitero, sempre que tenho oportunidade, o meu lamento de não ver nas antologias escolares, da Escola Primária à Secundária, extratos seus, mormente hoje em que se patenteiam à juventude as múltiplas facetas dos múltiplos escritores, com predomínio dos modernos.

Neste volume do *DOUTRINA*,

a selecção de textos põe em evidência, mais uma vez, esta característica de Padre Américo: um *sui generis* modo de dizer, ironizando, ou de ironizar, dizendo, quando crítica e alerta, e um escrever como quem medita, discorre e se eleva interiormente, quando descreve e galvaniza, sem adjectivar, situações de carência. Por cima de tudo isto, a superabundância, a vaga de fundo, forte e avassaladora, da sua fé forte, convicção profunda e vivência evangélica.

Dispersamente, neste volume, anotei, em particular:

— A beleza singela com que descreve a refeição do meio-dia dos trabalhadores rurais — a mulher a pôr a toalha em cima da relva e em cima da toalha o caldo, o pão e o conduto, e o homem a saciar o apetite e a recobrar forças. É um bom naco de prosa feita poesia.

— A ternura e a compaixão por aquela mãe que, colada aos vidros da porta, permanecia em êxtase, «namorando» o filho...

mos que ela se difundisse cada vez mais. Por isso temos andado pelas Paróquias do grande Porto — e iremos aonde o tempo nos chegar — pregando O *GAIATO*, voz, aqui e agora, do Evangelho de sempre, porque feito de vida, porque escrito dolorosamente a pensar na Vida que Cristo veio trazer-nos e quer que tenhamos «em abundância».

Outras vezes o temos dito — e repetimo-lo confirmados por ressonâncias escutadas em mais de três dezenas de anos, de todos os lugares e de gente de todos os estratos culturais — que O *GAIATO*, se não é cronologicamente a Obra primeira de Pai Américo, é, com certeza, a sua Obra-prima. Nele pôs a render (e de que maneira!) o seu excepcional talento de escrever. Por ele comunicou a um número incontável de pessoas de inteligência e coração sensíveis, as suas descobertas no campo social, as suas experiências do poder fundado na Fé em Cristo, o «Deus conosco» e as contagens da sua inquietação e as mobilizou para uma conversão da mente e uma reforma da acção. E mesmo sem Pai Américo a escrevê-lo desde há 24 anos — e nisto somos nós os mais assombrados! — O *GAIATO* continua a ser fermento desta inquietação salvífica que, por isso mesmo, «fere e consola com o próprio mal que faz».

Cristo deixou-nos a Sua Paz. E a Sua Paz é espada que sangra para curar; é fogo que consume a ganga para apurar o ouro de valia eterna. Quem A aceita, acertou. Parecendo um devorado, é um pacífico.

É desta raça O *GAIATO*. Por isso queríamos que tudo acerca dele fosse marcado pelo respeito e devoção. Muitos assinantes; cada vez mais assinantes e menos razão para irem com O *GAIATO* à rua, os gaiatos.

— A síntese, ou melhor, a referência do próprio sermão que fez em Fátima, em 1952. Nós (minha mulher e eu) estávamos lá. Foi o mais belo sermão que até hoje ouvi! Ainda se repercute, cá dentro, o eco do seu refrão: «Eu não sei dizer mais nada; eu só sei falar do nosso irmão Pobre...».

— A descoberta das três alegrias a repartir: a de quem dá, a de quem distribue e a de quem recebe, isto por ordem decrescente de intensidade «métrica»...

— Dois depoimentos, dois contrastes, ambos afirmativos: o do pobre serralleiro que entrega meia libra fruto de muitos sacrifícios e renúncias, e da rapariga universitária, abastada, mas exuberante de generosidade e de idealismo e dedicação.

— A paralítica e o seu veemente desejo de ler a Bíblia, o antro onde ela jaz e a plenitude e graciosidade da Natureza nos campos em redor... Um poeta dos contrastes!

— A expressividade do dizer simples de pessoas simples, como aquele da que se auto-intitulou *Pecadora*: «Apenas sei chorar as dores alheias, sentindo-as, por muito sentir as minhas». Verdade e autenticidade.

— A grande ideia-força — cada freguesia cuide dos seus Pobres — que só ainda não vingou por culpa exclusiva do nosso ainda não vencido egoísmo humano.

— A grandiosidade do amor paternal, quando pai e mãe se revezam, na vigília, durante a noite, para que os ratos não molestem os filhos que dormem

na enxerga... e isto porque não têm com que comprar raticida!

— Um conceito antigo, actual e de sempre para as Casas de educação — nunca mais de 100 educandos em internato, porque, se mais, «perde-se o toque de cada um». Certo e admirável. Infelizmente, com as explosões escolares, difícil de praticar hoje.

— A lapidar crítica ao colectivismo marxista: «Tiraram a cada um o poder e o valor. Válerá a pena viver assim? Deus criou o homem livre».

— A fortaleza da fé, nas Criadas dos Pobres, ao recusarem subsídios: «Deixe-nos ir sem nada». A seguir, discorre teologia: a Criação partindo do nada!

— A maravilhosa frase do filho mais velho, 15 anos, de um lote de 7, de mãe solteira, quando entram para uma casa do Património dos Pobres, dirigida à mãe e ao irmão que esta traz no ventre: «Eu quero ser o padrinho do meu derradeiro irmão».

E muito mais, muito mais. Só estes quadros, tirados a esmo, amostragem mínima do quotidiano, revelam que vale a pena ler, meditar, dar graças e operar.

Desculpem. Desabafei. Fiquei contente. Interiorizei mais. Dará algum fruto? Não garanto. Mas, para já, vai ajudar-me a atacar uma questão de *sacristia* na assistência paroquial.»

E já não é pouco!

Júlio Mendes

O NOSSO JORNAL

Este ano, prestes a terminar, assinala uma boa recuperação da tiragem depois daqueles dias de 1974 em que cessaram as remessas para África, quer para os muitos assinantes que lá contávamos, quer para a venda em nossas Casas de Lourenço Marques, Benguela e Malanje. Foi uma quebra repentina de mais de dez mil exemplares.

Dos assinantes, muitos, depois de terem reorganizado

aqui as suas vidas, estabelecido suas moradas, voltaram ao nosso convívio. Mais difícil a compensação nas vendas de cá dos milhares que por lá se vendiam.

Este facto, aliado aos riscos que a venda representa para os nossos Rapazes, como é óbvio do seu regresso à rua dois dias em cada quinzena, mais acentuou a nossa predilecção pela assinatura relativamente à venda avulso, com o que, aliás, concordam muitos leitores, como este Professor de Psicologia de quem hoje mesmo tivemos notícia: «Acabo de receber O *GAIATO* por assinatura, de alguém que deu o meu nome e ainda bem. Eu conhecia o jornal há muitos anos, que comprava quando encontrava os gaiatos a vendê-lo. Mas assim é melhor». É melhor para o leitor porque ultrapassa a circunstância de tempo de que dependia o seu contacto com o jornal: «...quando encontrava os gaiatos a vendê-lo». Assim ele irá ter certinho a sua casa todos os quinze dias. Melhor para nós, porque um assinante é certo e um comprador avulso, não; e o tempo não vai para se fazerem tiragens à sorte. E ainda melhor porque um assinante é leitor interessado e alguns compradores avulso compram o jornal como quem dá uma esmola, quando não pretendem mesmo dá-la, rejeitando o jornal — ao que os nossos Rapazes têm ordem de resistir, delicada mas firmemente. Eles não são pedintes; são mensageiros. Mensageiros frágeis de uma Doutrina forte. Porque frágeis, quereríamos defendê-los o mais possível da sua fragilidade e de quanto a põe em risco. Porque a Doutrina é portadora de Vida, queria-

Movimento Esperança e Vida

VIÚVAS

Em complemento da série de notas que publicámos em O *GAIATO*, oportunamente — e sendo muitas as Viúvas que precisam de apoios de vária ordem — as responsáveis do M. E. V., na diocese do Porto, informam: «Já abrimos a nossa sede na Avenida da Boavista, telefone 63685, onde estamos à disposição de quem nos procura, às segundas-feiras das 17 às 19,30 h.» E, naquele jeito cristão de quem não pára em benefício dos Outros, sublinham: «Continuamos a caminhar em todo o sentido da palavra! Há tanto quem precise de nós!»

Corroboramos a afirmação, particularmente no que toca a Viúvas pobres, em cuja problemática há um longo caminho a percorrer, tanto que fazer, qual regresso às Fontes — vinte séculos depois!

Júlio Mendes

NATAL

Continuação da 1.ª página

Pai», é o princípio do caminho da salvação. O princípio! Que o caminho há-de ser realizado por cada um ao longo dos seus dias na superação do egoísmo, na vitória sobre todas as formas de inércia, no sacrifício da comodidade, de toda a espécie de vida fácil; na fidelidade à vontade do Senhor, que a vai manifestando progressivamente aos que recusam a pusilanidade conatural ao Homem e fazem da sua vida um exercício permanente de dilatação da alma até à medida que Deus lhe destinou.

Estes são os que querem crescer e crescem. A tal luz compreendemos melhor a insatisfação dos santos, aquela queixa — por exemplo — de Pai Américo de que os anos anteriores ao seu sacerdócio foram tempo perdido. E nem foram, porque foi tempo de

preparação da hora que o Senhor marcará! Mas é salutar que assim se sinta e em razão deste sentir, se reaja.

O fim do ano litúrgico, o princípio de cada novo ano está cheio deste pensamento de acção interior de vigilância sobre tudo que rodeia o homem, sobre o Próximo de quem cada um é responsável: «São horas de acordar... A noite vai adiantada e o dia está próximo».

Ponhamos de parte as obras das trevas (a que pertence a passividade) e passemos a usar as armas da luz. (...) Revestidos do Senhor Jesus Cristo».

Para nos revestirmos d'Ele para nos impregnarmos d'Ele, foi que Ele veio e está no meio de nós. Não desperdicemos o tempo. Seja esta, para todos nós, a bênção e a alegria do Natal.

Padre Carlos



Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Padre Carlos